



FORTALEZA DE FIRANDO.

Dissemos a pag. 25 d'este volume que o Japão tem dous soberanos, um politico e outro sacerdotal; este, outrora o verdadeiro monarcha, goza hoje apenas d'um certo aparato de poder temporal sem mando; a sua successão tornou-se hereditaria pelos annos 66 antes da vinda de Christo. epocha doude data o terceiro periodo da historia do Japão, isto é o periodo dos factos positivos, porque os antecedentes não merecem credito, remontando até eras fabulosas. Desde o mencionado anno pouco mais ou menos, governaram cento e sete principes da mesma dynastia, e o seu reinado em geral foi pacifico, não obstante as invasões, em grandes intervallos de tempo, dos tartaros manchús e dos da Coreia, que foram sempre repellidas pelo valor dos habitantes.

Regendo Gonda, nonagessimo dairi ou imperador

Vol. V. - 3.ª SERIE.

espiritual, os mogoes, quatorze annos depois de conquistarem a China, ajuntaram grandes forças para se apossarem do Japão: narrações exaggeradas elevam a quatro mil o numero de seus pequenos navios e a vinte e quatro mil o das tropas; contudo é provavel que os numerosos juncos chins transportassem um exercito consideravel. Toda a expedição, como a invencivel armada de Filippe II foi dispersa e destruida por uma tempestade, que os japões attribuem ás divindades protectoras do seu imperio; segundo referem os missionarios succedeu isto pelos annos de 1281.

Os dairis, frouxos e negligentes em consequencia da longa posse, tranquilla e não contestada, pouco a pouco deixaram reinar em seu nome os Kubos, caudilhos de sua milicia e commandantes dos exer-

Junho 14, 1856.

eitos; e por isso, quando um d'estes, da familia dos Chensi, ao cabo de prolixa guerra civil, salvou o dairi dos ambiciosos projectos da familia Feike, foi nomeado generalissimo. Datam d'esse triumpho as invasões successivas de poder praticadas pelos Kubos; porém, a usurpação consummou-se no 16.º seculo, ahí pelos annos de 1385. O Kubo, ou imperador secular, apoderou-se do mando supremo, e d'este então o dairi está sempre encerrado no seu palacio e bem guardado, para que não intente recuperar a auctoridade de que outrora gozaram seus predecesores, e na actualidade é o Kubo o unico monarcha do Japão, posto que o dairi, como chefe espiritual do imperio, occupe na ordem hierarchica mais alta cathedra.

O Kubo tem a cautella de lhe não disputar esses vãos privilegios, e sempre lhe manifesta apparencias de submissão, e assim nos negocios importantes que tocam na politica do paiz, para uma innovação legislativa, para uma questao diplomatica, o Kubo não deixa de enviar um emissario ao seu collega pedindo a sua approvação; estes actos consultivos fazem-se com grande apparato official, para que dê na vista do povo e fique convencido da boa harmonia que reina entre os dois imperadores. Alem d'esta constante reciprocidade de attentões e mostras de deferencia, é raro que não venha o Kubo, uma vez em cada quinquennio, visitar com pompa o dairi na sua residencia de Meaco, que mencionamos no lugar citado. A corte ecclesiastica entretém-se quasi exclusivamente em materias de litteratura.

Os japões são valentes por indole, ao contrario dos chins, e tem tropas bem organisadas a seu modo, capazes de repellir aggressões estrangeiras. Muitas de suas cidades tem cerca de muralhas e fosso; mas, a maior parte são defendidas por uma cidadella, onde o governador habita. Das primeiras é uma das mais fortes Kvano, terra populosa e bella da provincia de Osvari, talvez a mais rica do imperio.

A cidadella de Osaka, uma das cinco cidades imperiaes dependentes directamente do Kubo, as de Sanga, capital do Fisen, de Kokura, cabeça da provincia do mesmo nome, são consideradas as praças mais importantes do imperio depois dos palacios fortificados de Yedo e Meaco, assim como o de Firando, que passa por uma das maravilhas do Japão. É este edificado no alto de uma rocha, composto principalmente de uma torre de muitos andares, que pela multiplicidade dos tectos offerece alguma analogia com os pagodes chins; um fosso largo e um recinto amuralhado rodeam esta construcção central; os quartéis podem accommodar em caso preciso, guarnição de mil combatentes. Sobem-se ao forte por lanços de degraus abertos na rocha, e divididos em tres rampas pelos renques de penedia que não foi desbastada; segunda muralha com doze portas cerca o principal edificio.

M.

— Não projectes impossiveis, se queres achar meios concernentes de lograr teu intento.

— A verdade, dita pelo mentiroso, para quem o escuta, não é mais que uma mentira.

— Os ministros, que formam a suspeita entre o throno, e a nação, são os maiores inimigos dos reis, e dos povos.

— A moda é um invento da industria para dar extracção aos seus productos.

M. CARVALHO — APHORISMOS.

RELAÇÃO DAS COUSAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA. ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

(Continuação.)

IX.

De como antes disto Estevam Ferreira de Mello, com Pedro de Castro, seu genro, se foram desta ilha.

Tanto que veio nova (ainda que este capitulo houvera de ir atraz, porque não fique nada por escrever) que o snr D. Antonio estava na cidade de Lisboa obedecido por rei, Estevam Ferreira de Mello, com seu genro Pedro de Castro de Canto, e Luiz de Mello, seu filho, do ditto Estevam Ferreira, fretaram uma caravella de Francisco Simões, Piloto, e com muito gasto e bons cavallos se metteram nella, com sua gente, e criados, e escravos, por serem homens ricos, e se foram para ajudarem o snr. D. Antonio, e isto com grande fervor; e em chegando á barra de Lisboa o acharam desbaratado, e o Duque de Alva em Lisboa, e delle não havia novas; e querendo-se elle pôr em cobro não poderám fazel-o tão prestes, que não fossem, como foram, primeiro descubertos, e foram logo tomados, e prezos, e as fazendas e cavallos e caravella, tudo sequestrado, e depois foram soltos pela maneira, que a seu tempo se dirá.

X

Em como veio nova que o snr. D. Antonio era ausente, e não estava já em Aveiro, nem se sabia delle, por ir lá Sancho de Avila com seis mil soldados.

Estando assim a terra alvoraçada, com o recado que tinham pelo P.º Fr. Melchior e pelo mais; veio nova que Sancho de Avila, sabendo o Duque de Alva que o snr. D. Antonio estava na cidade do Porto e ajuntava gente, o mandara com seis mil soldados escolhidos, e que, como a gente que elle trazia era bizonha, e homens que nunca viram guerra, se foram e o deixaram sem resistirem, e elle desaparecera, e se suspeitava ter ido para França; da qual nova houve grande sentimento nos moradores desta ilha, e ilhas de baixo, e já neste tempo se tinha entregue a ilha de San Miguel, e ilha de Santa Maria á obediencia de El-rei D. Philippe, e as ilhas de baixo Graciosa, Fayal, Pico, e San Jorge, e ilhas das Flores, e Corvo, estas seis ilhas sempre sustentaram a vontade e obediencia, que sempre tiveram a esta ilha Terceira, por esta ser a cabeça de todas, e sempre tiveram o intento desta.

XI

De como veio a Antonio Eschalin, francez, a esta cidade.

Estando os moradores desta cidade e ilha com o sentido e esperanças se lhe vinham novas de França, ou de outra parte do snr. D. Antonio, appareceu uma nau defronte do porto e barra desta cidade, cuidando que era já no mez de janeiro do anno de 1580. Poz-se á trinca, dando sinaes que lhe fosse de terra barcos. E logo erdenaram um barco com bons remeiros, que foi á nau, e chegando a ella a viram atirar com festa e com bandeiras que faziam de lenços; e assim á festa do atirar da nau e do vir da barca foi tanto o alvoroço e festa na cidade, que sem se saber

ainda o que era, repicavam os sinos, tocavam caixas, e em chegando diceram, que El-rei o snr. D. Antonio estava em França com grande poder, e acrescentaram mais de que era, e com este alvoroço e grandes festas todos os bateis e barcos botaram ao mar, e disparando toda a artilheria e arcabuzaria das fortalezas, e humens, mulheres e meninos pareciam doudos, e a nau cercada de barcas e gente, trouxeram o capitão a terra, que se chamava Antonio Eschalin, e o piloto. E neste tempo estava em França o conde de Vimioso D. Francisco, e Antonio Eschalin cuidava era o snr D. Antonio, que ainda neste tempo não estava em França. E com estas festas foi recolhido o dito Antonio Eschalin, e lhe deram boas casas, e bem accommodado, e sua gente e provido de boas iguarias abundantemente: isto cuidou foi a uma sexta feira, e assim no dito dia como no sabbado e domingo tudo foram festas. E ao domingo foi a cidade toda enramada pelas ruas de poms, e verduras, paineis e muitas chacotas, muitas danças, e chafarizes pelas ruas de vinho, e muita gente nobre com os da governança da terra foram pela cidade com o dito Antonio Eschalin, e sua gente da nau, que todos pareciam gente nobre, que depois vieram por capitães a esta ilha; e os levaram pelas ruas fazendo-lhes estas festas, e muito mais era do que eu digo.

(Continua.)

PHOTOGRAPHIA.

A arte de produzir as imagens dos objectos pela acção da luz, diz-se *photographia*; palavra que deriva de duas gregras *luz* e *escrever*. O aparelho que se emprega para fixar sobre substancias sensiveis á luz, as imagens dos objectos, chama-se *daguerreotypo*: por ter sido Daguerre o inventor da *photographia*. A descoberta da *photographia* pertence a uma das muitas maravilhas que as sciencias naturaes tem presenciado no seculo actual. O estudo d'esta parte da optica é interessantissimo debaixo de muitos e variados pontos de vista; não foi só a physica quem aproveitou com a descoberta da *photographia*, foi a historia natural, a archeologia etc. etc. como melhor se poderá perceber um pouco mais tarde, depois de termos dado idéa dos processos *photographicos*. Vê-se pois que todos os individuos illustrados devem ter conhecimentos, mais ou menos profundos deste ponto sobre o qual existe um grande numero de escriptos. (1)

O nosso fim vem a ser apresentar em resumo o

(1) Historique et description des procédés du Daguerreotypie et du Diorama par Daguerre. Paris 1839.

Traité de Photographie par Lerebours (N-P) - Paris 1833.

Nouveaux renseignements sur l'usage du Daguerreotypie par Charles Chevalier. Paris 1846.

Photogenic manipulation by Robert J. Bingham London 1837.

Auto-photographie par M. P. F. Mathieu. Paris 1848.

Recherches sur la théorie des principaux phénomènes de Photographie par A. Claudet. Paris 1850.

Description du procédé dit Américain par Ferdinand Colas. Paris 1850.

Traité pratique de photographie sur papier et sur verre par Gustave le Gray. Paris 1850.

Quelques notes sur la Photographie sur plaques métalliques par le Baron Gros. Paris 1850.

Douze leçons de Photographie sur verre et papier par le Dr. J. Fan. Paris 1851.

Traité théorique et pratique de Photographie sur collodion par A. Belloc. Paris 1851.

Découvertes scientifiques modernes par L. Figuier. Cosmos. Journal hebdomadaire par Moigno.

estado actual da sciencia *photographica*; a tarefa é ardua: que procuraremos desempenhar do melhor modo que nos for possível.

Historia. — A idéa de obter imagens por meio da luz é idéa antiga, assim a camara escura descoberta ha dous seculos servia para descobrir os objectos cuja imagem vinha projectar-se sobre um alvo. *Porta* o auctor da camara escura, pensava que qualquer individuo mesmo ignorante de desenho, podia copiar um objecto qualquer com a camara, bastando para isso seguir com o lapis, os contornos da imagem que se desenhava sobre o papel. As previsões de *Porta* não se realisaram, só os verdadeiros artistas poderam tirar algum partido da camara escura.

Ao ver a perfeição com que os contornos, as formas, e cor dos objectos, appareciam nas imagens, todos se lembraram da utilidade que teria a descoberta d'um meio, pelo qual essas imagens se podessem fixar.

Foi porem só em 1802 que o inglez Wedgwood, apresentou uma memoria (1) em que dizia poderem copiar-se gravuras etc. por meio de papeis molhados em chlorureto, ou nitrato de prata; porem diz elle, que as imagens da camara ainda são muito fracas para poderem produzir effeito sobre o nitrato de prata. (The images formed by means of a camera obscura, have been found to be too faint to produce, in any moderate time, an effect upon the nitrate of silver).

Dary o commentador de Wedgwood pouco mais adiantou, conseguiu copiar alguns objectos muito pequenos ao microscopio solar.

Vê-se pois que alguem poderia querer attribuir a descoberta da *photographia* aos auctores inglezes, porém o papel enegrecia todo logo que se tirava da camara, e portanto as imagens que n'elle se tinham formado desappareciam, só podendo conservar-se na obscuridade. Portanto o problema estava ainda sem ter sido resolvido.

Em 1765 nasceu José Nicéphore Niepce em Chalon do Saone; José e Claudio Niepce seu irmão eram artistas e já inventavam machinas, já aperfeçoavam outras. Por esse tempo começara a *lythographia* a estabelecer-se em França: a attenção de Niepce (José) desviou-se toda para este novo campo e foi dos ensaios *lythographicos* que veio a nascer a *photographia*, procurando *lythographar* em laminas metallocas.

Foi em 1814 que tiveram lugar os primeiros ensaios de Niepce, cujo ponto de partida foi a acção da luz sobre o betume de Judea, o qual se faz branco na parte sobre que actua aquelle agente. Niepce tomava uma estampa, envernizava-a pela parte posterior a fim de a fazer mais transparente, e applicava-a sobre uma lamina de estanho, que estava coberta de betume de Judea. As partes escuras da estampa não deixavam passar a luz e por isso a camada subjacente ficava com a cor negra que lhe é natural; porem as partes transparentes deixavam-se passar pela luz, e os raios indo cair sobre o betume o faziam branco. Vê-se pois que se pode obter facilmente a reproducção de qualquer desenho do modo que fica dito, e a imagem fica com as sombras e claros na sua situação natural. Se depois expoesse tudo á luz as sombras desappareceriam porque todo o betume se faria branco; era necessario ter algum meio para evitar isto. Niepce descobriu que a essencia de alfazema tinha a propriedade de dissolver todo o betume, que não tinha sido impressionado.

(1) Journal of the royal Institution of Great Britain

Em 1824 Niepce levando á camera escura, uma chapa de cobre coberta de uma lamina de prata sobre a qual havia uma camada de betume de Judea, e deixando-a ahí por muitas horas, lavando-a depois do mesmo modo, que para o primeiro caso, conseguiu o grande fim de poder ter as imagens por meio da luz. Foi pois Niepce o verdadeiro descobridor da *Photographia*.

Como o fim dos trabalhos de Niepce era obter gravuras, com facilidade tinha resolvido a questão cujo estudo inventara, pois tratando as chapas pelos ácidos, conseguia que ellas fossem atacadas só na parte descoberta, servindo a camada de betume de proteger o resto, isto é os claros.

O processo que acabámos de descrever, era ainda muito imperfeito, por ser necessario muito tempo para que a substancia sensível se impressionasse, e d'ahi resultava que as sombras indo-se deslocando em consequencia das diferentes posições da luz, a imagem ficava confusa. Era impossivel applicar-se o novo processo á tiragem dos retratos.

Por esta epocha Daguerre o auctor do diorama, pintor acreditado pelo partido que tirava da luz para illuminar seus quadros, alguns dos quaes eram admiraveis; occupava-se tambem de *photographia*, mas debaixo d'um outro ponto de vista, elle pretendia fixar as imagens da camera escura. Em 1825 sabendo Daguerre por M. Chevalier, o celebre constructor d'instrumentos opticos, que na provincia havia alguem que trabalhava em sentido analogo, estabeleceu relações com M. Niepce. Alguns annos depois em 1829 associaram-se os dois artistas e então Niepce declarou a Daguerre tudo que sabia de *photographia*.

O unico merecimento de Daguerre em relação á descoberta da sciencia *photographica*, foi o pretender sempre conservar a imagem sobre a chapa, e não servir-se d'ella para a gravura. O acaso, como veremos, lhe revelou a utilidade da applicação dos vapores do iode, o que foi um grande passo para o aperfeiçoamento da sciencia. O problema ainda estava incompletamente resolvido em 1833, epocha da morte de Niepce. Depois Daguerre continuou a trabalhar e foi o primeiro que descobriu os agentes reveladores, isto é, que as imagens sendo invisiveis ao sair a chapa da camera escura, se tornam visiveis pela exposição aos vapores mercuriaes, descoberta a mais importante depois da da applicação do iode.

Para concluirmos a historia da *photographia* em chapa, diremos que a 7 de janeiro de 1839 M. Arago annunciou á Academia das Sciencias a descoberta de Daguerre. O processo foi secreto até o governo o comprar. A 15 de junho o governo concedeu a Daguerre 6:000 francos de pensão e ao filho de Niepce 4:000; a differença da somma dada a cada um proveio de Daguerre declarar tambem o segredo do *Diorama*.

Eis a historia d'uma das descobertas mais maravilhosas dos tempos modernos, d'uma utilidade extraordinaria como veremos.

PHOTOGRAPHIA EM CHAPA.

(DAGUERREOTIPIA.)

Para obter imagens sobre chapas procede-se do modo seguinte: Tomam-se chapas de cobre cobertas d'uma lamina de prata polida; estas chapas são feitas fazendo adherir a lamina ao cobre por meio da pressão.

1.^a Operação — *Polir*. Fixa-se a chapa sobre um pé para se polir, o que se faz esfregando a repetidas vezes, primeiro com algodão molhado em alcool, e tripoli em pó fino, depois com vermelho d'Inglaterra, e acaba-se a operação burnindo-a com escova de veludo. — A chapa estará bem polida se o bafio projectado sobre ella deixar uma camada cinzenta igual em tudo a superficie.

Em geral da-se grande importancia a esta primeira operação, parece que d'ella depende muito o bom resultado do processo.

2.^o *Iodagem*. — A chapa que acabou de se polir é a mais propria para se iodar, isto é para se expor á acção dos vapores do iode. — A fricção que se produz para preparar a lamina, eleva-lhe a temperatura e favorece muito a volatilisação do iode. Foi o acaso quem mostrou que as imagens se formavam facilmente sobre uma chapa iodada. Tendo-se deixado acidentalmente uma colher sobre uma chapa, que estivera exposta aos vapores do iode, no dia seguinte via-se na chapa a imagem da colher, d'ahi nasceu pois a applicação do iode em *photographia*.

A iodagem serve para tornar a chapa mais sensível á luz. Faz-se esta operação deitando pequenas laminas de iode sobre o algodão contido n'uma caixa, na parte superior do qual se colloca a chapa com a superficie polida voltada para o interior da caixa. O iode volatilizando-se deposita-se sobre a chapa e fórma uma camada de iodureto de prata, que cobre a lamina: esta camada é d'uma espessura muito delicada.

Para conhecer quando a chapa está convenientemente iodada, levanta-se de quando em quando e observa-se a cor que tem, a operação deverá terminar-se quando a cor for ligeiramente avermelhada. — Introduz-se então n'um caixilho com uma disposição particular (1) e leva-se á camera escura, ou vai-se bromar. — A proporção que se foi empregando e estudando a *photographia*, viu-se que o iode só não tornava a chapa bem sensível. Diferentes substancias se ensaiaram com o fim d'augmentar a sensibilidade do iode, e as substancias empregadas n'esse sentido chamaram-se acceleradoras, porque da sua applicação resulta uma consideravel diminuição no tempo d'exposição. Das differentes substancias que se empregam como acceleradoras uma das mais notaveis é o bromio. O bromio substancia liquida avermelhada que se extrae de plantas marinhas, emprega-se em dissolução na agua, ou no estado da combinação com differentes corpos, sobre tudo com a cal.

Bromagens. — A chapa já iodada colloca-se em uma caixa que tem no fundo alguma gota d'agua bromada. O bromio é uma substancia volatil e por isso vai reagir sobre o iodureto de prata já formado. O tempo da bromagem é menor que o da iodagem. Alguns levam ainda a chapa á caixa do iode e ahí a deixam por metade do tempo que esteve da primeira vez, outros a levam logo á camera escura, geralmente de madeira, tendo na parte anterior uma abertura que recebe um tubo onde ha duas lentes achromaticas (2). As lentes podem approximar-se ou afastar-se por meio d'um parafuso horisontal cujas

(1) Um caixilho de madeira que tem uma correlica n'uma das faces, e na outra (posterior) um alcapão que se levanta para collocar a chapa, cuja face polida fica olhando para o lado da correlica.

(2) Chamam-se lentes achromaticas áquellas que dão imagens sem serem coradas com as cores do iris, sem serem irisadas.

voltas poem em movimento uma peça dentada que faz parte do tubo que as sustenta. Conforme o parafuso recuar, aproxima-se ou affasta-se uma das lentes da outra, que se conserva fixa.

A disposição que acabamos de mencionar foi um grande progresso no daguerreotypo, pois permite com facilidade o collocar a chapa no ponto mais conveniente para que a imagem fique distincta.

O diametro das lentes deve variar conforme se pretendem obter vistas ou retratos.

M. Claudet fez um aperfeiçoamento importante á camera escura e foi poder a parte posterior avançar ou recuar, e alem d'isso, o estar disposta de modo, que possa receber chapas de qualquer dimensão. A camera colloca-se sobre um pé e pó le tomar posições mais ou menos horisontaes, conforme fôr conveniente.

Modo d'uzar — Collocada a camera sobre o pé apontam-se as lentes para o objecto que se quer reproduzir. O operador, colloca-se do lado opposto, cobre a cabeça com um corpo que intercepte os raios da luz, e olha para uma chapa de vidro despolido que está do seu lado. Faz avançar ou recuar a parte posterior da caixa, até que veja distinctamente pintado sobre o vidro o objecto, cuja imagem se pertende. Quando é para o fim, o parafuso de que já fallámos, facilita a operação, visto dar movimentos muito lentos e regulares.

Feito isto, tira-se o vidro despolido e no lugar d'elle colloca-se o caixilho que tem a chapa preparada; e levanta-se a corrediça anterior. Já se vê que achando-se a chapa no mesmo lugar em que estava o vidro a imagem se formará sobre esta, como formava n'aquelle.

Alguns como Claudet e outros preferem uzar a chapa nua, isto é sem caixilho; a razão que se dá para assim proceder é a seguinte: — Em consequencia do calor, humidade, e mesmo da construcção do caixilho pó le succeder que a chapa não fique na posição que convem. Se nao se usar caixilho, claro é, que se evitam estes inconvenientes.

Tem sido objecto de questao entre os photographos o lugar em que a chapa se deve collocar; dizem uns que ella deve ser collocada no mesmo lugar que occupar o vidro despolido; dizem outros que nem sempre é esse o lugar que se deve preferir. — O que é, um facto é que o mesmo operador em certas circumstancias tira retratos muito mais perfectos que em outras, e que se se fazem experiencias com um daguerreotypo se vê que ás vezes as imagens são mais perfectas, quando a chapa se colloca em uma posição differente da que tinha o vidro.

As observações que acabamos de apresentar levaram alguns photographos a admittir que o foco dos raios luminosos d'ffrente do foco photogenico, umas vezes podia estar mais anterior, outras vezes mais posterior que elle. Custa a conceber não a distincta posição dos focos, porem a falta de constancia nas suas relações. Todavia o phenomeno é verdadeiro, embora outra seja a explicação.

A theoria da camera escura nos diz a razão por que se formam as imagens sobre o vidro, e depois sobre a chapa, e nos explica o porque se pintam invertidas.

Muitas vezes a camera escura tem no interior um prisma de vidro destinado a tornar directas as imagens, e principalmente para fazer com que os lados da imagem sejam correspondentes aos do objecto. No daguerreotypo do mesmo modo que succede nos espelhos, o lado direito da imagem corresponde ao

lado esquerdo do individuo, e é por isso que se o individuo quizer apparecer no retrato tendo na mão direita um objecto qualquer, por exemplo se quizer figurar que escreve, tomará a penna na mão esquerda etc. Isto evita-se em alguns appaarelhos onde se obtem uma primeira imagem e depois esta dá outra que não estando, por assim dizer, symetrica com a primeira, fica na verdadeira posição do objecto.

Tempo d'exposição. — É muito razoavel. Depende da luz, da iodagem, do objecto a reproduzir etc. Nos retratos não deverá exceder a segundos. A pratica regula melhor o tempo d'exposição que todas as regras. Se o objecto tem cores verdes ou amarellas a exposição deve prolongar-se. Quando se tiram vistas antes se demore do que se accelere a exposição. Reconhece-se que o tempo d'exposição foi curto quando os negros ficam esbranquiçados e os claros azulados ou avermelhados.

Em geral deve o operador ter differentes chapas preparadas para substituir, ou mesmo tirar differentes copias com diversos tempos d'exposição para depois escolher a melhor.

(Continua)

J. A. DA SILVA.



UMA POSIÇÃO ARRISCADA.

O artista que delineou este desenho, não referiu qual fora o concurso de azares ou de imprudencias que pozeram o seu heroe em tamanho aperto: limitou-se a represental-o empoleirado n'um portal de gradeamento de ferro, não podendo descer pela direita, onde um touro o ameaçava com as pontas, nem pela esquerda tomada por mastins enfurecidos, nem para diante onde vê uma cloaca, nem para traz porque um rotulo o avisa que ali ha alçapão e ratoeira armada.

Nessa postura embaraçosa ergue os olhos ao céu, que é o que vê desimpedido, mas por onde em vão cogita meio de fuga. Que será d'elle entre tantos perigos? Succede-lhe o mesmo que a tantos sandeus ou estouvados que se entalam entre paixões que ameaçam, e os cães dos credores que não se calam, as abjecções que enxovalham, e os estafadores que armam ciladas. Quantos se rirão talvez do desastrado homem, que estarão na vida em circumstancias analogas ás do mesquinho n'aquelle poste! Mas o ridiculo, para ser facilmente percebido, ha de dar na vista.

Não se aprecia devidamente, por exemplo, a grande dose de comico em as oscillações da intelligencia humana cavalgando o raciocinio; mas, todos riem do camponio bebado, que Luthero lhe dá por symbolo, e que bambaleando em cima da bestinha, tão depressa o endireitam de um lado como logo descêe para o outro.

M.

FASTOS AÇORIANOS.

V.

ESPIRITO SANTO.

«Ando como homem pasmado...
Chorando tudo o passado
Temendo tudo o porvir,
Em toda a parte ha perigos
A cuja lembrança tremo,
Mais ao perto uns maos inimigos
De casa a que muito temo».

SA DE MIRANDA = CARTAS.

Ninguém como o povo é depositario de melhores cousas, assim como ninguém mais propenso a viciar ou desvirtuar muitas, que em seus primordios eram excellentes. Não ha instituto que não tenda a ser corrompido pelo abuso. Assim foram as irmandades ditas do Espirito Santo, e os festejos publicos que promovem, logo que passaram ao dominio popular.

Fomes apertadas nos estados allemães determinaram um dos imperadores da dynastia Othon a lançar os fundamentos d'esta instituição, como banco formado d'esmolos para acudir a pobres nos annos de penuria. Da divindade, que invocavam, do imperante; que tomara a iniciativa, nasceram os festejos religiosos que a confradia imperial votara ao culto do Espirito Santo n'esta quadra do anno, devoção e costume que de lá se propagou pelos estados da Europa christã, cujos reis marcharam á frente da obra a seu modo civilisadora e humanitaria, até que o povo lhes foi usurpar o privilegio, e se apoderou da instituição pia, que a sua intemperança e fanatismo dentro em pouco corrompeu. Ambicioso e soberbo, apropriou-se, no seu novo protectorado, as insignias e prestito imperial, que até ali tinham figurado com outra casta de soberanos nos actos do instituto; mas n'esta como usurpação, o povo, sempre facil de contentar com espectaculos, com sceptro de cana, e corôa de pepellão ficou verdadeiro rei de comedia.

De todos os *Fastos* açorianos, os festejos populares do Espirito Santo são os unicos em que ha abertamente reprehensivel e imprópria mescla de coisas sacras e profanas; imprudencia, que se é innocente na concessão, aos olhos da philosophia christã é altamente criminosa pelos factos consequentes. Esmolas dos irmãos devotos d'um districto, administradas por uma mesa de mordomos, foram, e deviam sempre ser, applicadas aos necessitados, e não absorvidas pelos proprios doadores, em *pensões*, *comezainas*, *folias*, *imperios*, e bodos paganissimos.

Não ha villa, não ha aldea, não ha logar, não ha bairro, não ha freguesia, não ha rua, que não tenha supposta irmandade do Espirito Santo, inutil em si, e pretexto á immoralidade e á licença. Como pôde assim a instituição prosperar e sanctificar-se, se as forças se lhe desbaratam na subdivisão infinita, e em cada membro lavra a gangrena? Extremar a obra de caridade, dos parasitos e tão heterogeneos festejos populares: — tirar de mãos profanas esta especie de

intendencia no culto religioso, era lucrar muito. Brincos e alegrias estejam embora na praça, que a policia lhes pedirá conta dos excessos; mas o que é da igreja, na igreja e nas mãos de quem a serve.

Que de *imperios* e *coroações* por todas as ilhas dos Açores desde a Paschoa da Resurreição até á dominica da Trindade!... Em cada um dos sete domingos de coroação, que precedem o dia do imperio, que indecente inventario e almoeda de corôas, de sceptros, de bandeiras, que se traspassam d'uns a outros imperadores!. Esses *carros*, e *pensões*, essas *folias* e *catafalsos*, esses *balhos*, e fogos, e *arraiaes*, são, sob apparencia piedosa, um revoltante disbarate do pao do pobre. Querem *carros* enfeitados; *carregados* de pao, carne, e vinho; rodeados de convidados; precedidos de *folias* intoleraveis, e do imperador com seu cortejo, distribuindo pela rua *pensões* aos que deram esportula, para que em verdade se diga *elles o dão elles o comem?* Praz-lhes ver *sebes* e *armações* engrinaldadas; leques de flores; grandes *espalgados* de bucho, rosas, e *boninas*, *campeando* na ponta da lança do carro triumphal? Praz-lhes que os bois caminhem ufanos coroados de festões de verdura? que os animaes desatinados pelos foguetes, que lhes estouram perto, agitem freneticamente as campainhas, cujo som estridulo vá juntarse ao malefico ghar do carro, que desafia os nervos mais provados? Pois não cerceiem nenhum dos seus caprichos, gosem-nos todos e inteiros; mas separem d'elles toda a parte de falsa caridade, que querem impor; não aviltem symbolos religiosos, que suas mãos desacatam; representem simplesmente uma bacchanal. Ahi está a rapasiada, que com a grita e o vivorio lhes realce, como costuma, o tumulto do espectaculo. Ahi está a mascarada da *folia* gente vadia e sem vergonha, insipidos e eternos bebedores de sensaborias, que com suas mitras de talho papal, e largas opas de chita de mangas e cabeções; com violas, rebecas, pandeiros, e tambores, em perpetuo *charivari*, lhes podem endensar a festa. Mas arrastar peia rua a bandeira encarnada, em cujo centro esvoaça a pomba bordada de branco; passear a corôa lenta em proeissão de galhofa; é mais para demoralisar do que para edificar ninguém.

Querem um *imperio*, querem quatro grandes columnas que sustentem estrado alto, ao canto da rua, com seu throno, com seus ramos e bandeiras, que sirva de estalagem aos rapazes, e estancia aos comensaes? Pois tenham tudo isso. Elejam rei ou rainha, que ali acatem no seu regosijo. Mas nada de pombas, nem de corôas, nem de sceptros bentos, nada de bengas de nenhuma casta, nem de repiques de sinos, nem de coroações na igreja, nem de incensorios, nem de sacerdote, que isso fóra a mais hybridal das alianças.

Cousas ha, que não podem deixar de fanatisar o povo, e sobre tudo o povo açoriano tão baldo de recreios publicos. Os *balhos* (corrupção de *bailes* danças), complemento de todos seus festejos, são n'elle uma feição caracteristica, um elemento necessario á vida do coração. Quando incidentes alheios o não invenenam, o balho é em si coisa mui indifferente. Homens e mulheres emparelhados, n'um circulo, girando concentricamente, cada par fazendo-se mutua frente, todos em pulo, todos raiantes de alegria, caminhando n'uma e noutra rotação, *crusando-se*, *passando*, e obedecendo n'estas evoluções aos descantes singulares, que acompanham o agudissimo som metallico da viola; que vos parece o balho açoriano? (1)

(1) Pode ver-se uma bella, poetica, e mui particularizada

Considerado attentamente (á parte preconceitos) manifesta, desligadas sim, mas mui proximas similitudes das tregeitadeiras figuras, da dança das altas assembleas. Se é vantagem este typo provincial a tem de certo sobre os outros da península.

Balhem, pois, muito embora nos festejos populares, na quadra do Espirito Santo; mas com isto, e demais regosijos profanos façam grupo separado, sem parceria de exercicios devotos e cerimoniaes religiosas, que d'est'arte mutuamente se ridiculisam.

Na reformação que taes festejos requeriam não vemos perigo de nenhuma decepção. A coisa é simples. É extremar os elementos mais conspicuos, do que é propriamente frivolidade, obra de paixões, e humanas lisonjarias. (1) Talvez já com este intuito é que Filippe II se propoz dar garrote a taes abusos e exaggerações, convertendo até as coróas particulares que costumavam, e costumam ser de prata, em proveito do fisco. Corregedores e prelados diocesanos pelejaram no mesmo sentido, mas a tenacidade do povo venceu-lhes a precipitação ou a extremidade dos meios.

Quem d'isto quizer obter victoria facil, ha de, não abolir, mas separar somente, o que não convem que ande junto. *Tollatur abusus et permaneat res.*

Aquellas irmandades ditas do Espirito Santo, beneficentes por indole, mas nas obras paganissimamente inuteis, caminhando á ventura, e sem freio, e sem obediencia; sendo pela legislação vigente do dominio da policia e da administração civil, que as deve extinguir quando não sejam formal e legitimamente erectas, e tomar lhes contas quando forem regularmente constituídas: —aquellas folias, que por tavernas e lupanares expõe a irrisão tantas insignias devotas: —aquellas coróas, e a idolatria da coroação no templo, e ó incensorio d'uma pessoa muitas vezes, a differentes respeito, menos digna: — permitir, tolerar tudo isto, é sancionar profanidades, e outhorgar á soberania popular, que queremos que viva e prospere, preponderancia injustificavel em coisas d'outro fóro.

Prescripção do Ordinario podia e devia múdar de mãos profanas para os templos as insignias religiosas; podia e devia desguarnecer d'estes improprissimos ornatos, folias, *casas de folga, cadafalsos*; podia e devia desligar de toda a acção e relação com solemnidades religiosas, os pretendidos imperadores. A administração civil podia e devia fazer reentrar no primeiro pensamento de caridade as irmandades superintendendo-as, conhecendo da legitimidade do instituto, tomando-lhes conta do exercicio. Ha a considerar ali duas turmas de factos primeira, a ir-

descripção do balho acoriano, no curioso escripto «Uma festa do Espirito Santo» publicado nos números de 5 a 12 do «Anunciador da Terceira» de 1842, pelo bem conhecido litterato insulano, auctor do bello livro «Bellezas de Coimbra» o sr. dr. Antonio Moniz Barreto Corte Real, actual commissario dos estudos e reitor do lyceu nacional d'Angra do heroismo. No n.º 22 do mesmo semanario fez inserir o sr. Francisco Manoel Raposa d'Almeida um mui lisongeiro juizo critico do escripto recommendado.

(1) «Festejos taes ao Espirito Santo, são, como todos sabem, antes immoderações no comer e beber, antes tangeres e bailes descompostos, e cantares profanos... Esta visto que sob pretexto de venerar o Espirito Santo, o venerado, o applaudido, o aclamado, o honrado é o deos Baccho. Tirai a estas solemnidades o letificante vinho, e vereis quão poucos se prestam a promovel-as, e sustental-as! E que desordens se não seguem de tão devoto culto á divindade Bacchica! —Que dividas, em todo o tempo, se não contraem; que casas se não arruinam; que saudes se não desbaratam; e que vergonhas se não perdem... com o uso immoderado das bebidas espirituosas! —O Mentor.

mandade beneficente, com o seu circulo de festejos religiosos: segunda, o bodo popular propriamente dito. A authoridade publica deve separar a primeira da segunda, intender e regular aquella, por que se não desmande: fique a segunda para desforra e alimento do povo, que nem assim convem que se supponha fóra d'alcance da policia, para que pelo admonitorio e correcção prudente mais se civilise.

Só assim se conseguiriam fructos de bom sabor, sem prejudicar de nenhum modo o direito que cada um tem de divertir-se e folgar em termos.

JOSÉ DE TORRES.

ESTUDOS SOBRE A GUINÉ PORTUGUEZA.

IX

(Continuação.)

Ondotó estava já bem longe, quando Kiangi o fez pai. Ou fosse, que o tempo da gestação estivesse concluido, ou que o seu estado appressasse o nascimento de seu filho, o facto é que os vagidos d'uma creança chegando aos ouvidos da preta operaram nella uma reacção que a chamou á rasão e á vida, mas que ao mesmo tempo lhe riscou da idea todas as confuzas lembranças da ultima visita de Ondotó. As escravas cuidaram da creança e de sua mãe, a quem um somno reparador veio tirar das agitações crueis da crise que tinha precedido o seu parto.

Ondotó estava já bem longe, um selvagem é veloz na carreira; e se muito corre quem corre, e mais corre ainda quem foge, o papel corria como quem era, e mais ainda, corria como um criminoso. A luz da aurora começava a allumiar os monticulos de Bissis e apenas esclarecia a terra que elle pizava, e já Ondotó havia chegado á margem esquerda do pico do esteiro. Enchia a maré; e proximo da praia, meio n'agoa meio em terra, jazia um tronco de calabaceira, cuja madeira porosa sастem-se n'agoa como cortiça. Ondotó conseguiu com pouco esforço lançal-o de todo n'agoa, e confiando-se a elle seguro pelos braços e servindo-se das pernas, como de remos, quando a occasião o pedia, achava-se já internado pelos bosques de Bissis, quando o sol começava a dourar os seus cimos tão fechados e tão densos, que vistos de alto confundem-se com um longo prado cuberto de verdura. Estava portanto já fora da jurisdicção do governador de Bissau, e da acção coactiva que podia exercer sobre os regulos de Bissau se lhe passasse pela idea apoderar-se do criminoso.

Em Bissau passava-se a esse tempo uma scena de horror, que deixou atterrados todos aquelles que presenciaram; não porque lastimassem a victima, que não tinha sabido excitar outros sentimentos se não os da aversão, e por ventura do odio; mas porque este facto no local em que se passara, a menos de trinta passos de distancia da praça, e quasi debaixo dos olhos da sentinella, denotava uma audacia tamanha no criminozo, que ninguem podia mais contar com a vida, mesmo que quizesse fazel-a proteger interpondo entre seu corpo e o ferro assassino a grossura das muralhas da fortaleza.

Quando a claridade da manhã deu esperanças de que se poderia facilmente conhecer a causa do terror da sentinella (se alguma causa realmente existiu) o sr. official e o cabo da guarda largaram a sua partida de jogo; e este escolhendo tres soldados para o acompanharem com as suas espingardas, assim como elle ia com a sua, e o sr. official com a espada para poderem fazer frente a qualquer perigo, deixando a

guarda formada, saíram na direcção que lhes indicava a sentinella, que como é de suppor, fazia parte desta patrulha que marchava á descoberta. Apenas tinham passado a ponte de malleira, que atravessava o fosso e que já se não erguia de noite por ser inutil, e porque de velha já não supportava as levadiças nem as correntes; um espectáculo bem horrroso se apresentou ás suas vistas. Um homem estava pregado a uma arvore pelo ferro d'uma azagaia que lhe atravessara o pescoço d'um lado ao outro, e se tinha enterrado no tronco.

Da distancia em que se achavam não podia conhecer-se ainda quem era o desgraçado; mas via-se que o chapeo de palha, comprimido entre a cabeça e o tronco da arvore levantava a aba dianteira um pouco acima da testa, e que tufo de um cabello alourado, postos em pé e irriçados pareciam contel-o nessa altura como espeques; a camisa, colete de cor e a jaqueta branca por diante estavam negras d'um vermelho escuro, e que os braços e as mãos hirtas, estavam elevadas até perto do pescoço, mas delle um pouco afastadas, como se a morte o colhesse na occasião em que instinctivamente procurava arrancar a azagaia.

Todos ficaram transidos de horror, e por um pouco ninguem se atreveu a dar mais um passo. Por fim, venceram a repugnancia, continuaram seu caminho, mas então já desordenadamente; e chegaram ao pé do cadaver. Foi então que conheceram nas feições tão horrivelmente alteradas pela morte, e tornadas até hediondas pela contracção produzida pelo genero della, que aquelle cadaver que estava diante delles, em pé, era o de Pimping. Ao mesmo tempo a sentinella das peças dava parte que do fuste de uma dellas pendia uma corda, que por fora da canhoneira, caia ao longo da muralha; então se descobriu como o assassino chegou até alli, mas quem era elle? a qualidade da arma dizia bem que tinha sido um selvagem, pois um Europeo, ou um habitante de Cabo Verde servir-se-ia de uma faca ou de um baioneta; mas para ser um selvagem: como se tinha elle podido introduzir dentro da praça não dando ninguem por isso?

A gente que ia chegando para a feira, prevenida pelo rumor publico, os grumetes da povoação, e os valentões que a ella concorrem, todos vinham correndo para o local do assassinio, e prorompiam em exclamações, qual de admiração pela *gentileza* do tiro, qual de horror pelas feições desformes do morto, augmentadas ainda pela cor livida que as cubria, e a que dava realce o negro do sangue em postas que se derramava pelos seus vestidos. Um nome correu então de boca em boca; mas esse nome não ousava pronunciar-se em voz alta, porque não passava de um presentimento, que podia ser enganador; Ondotó era este nome que se dizia baixinho, porque só a elle suppunham capaz de um tamanho rasgo de audacia.

O governador avisado do successo correu ao sitio em que tivera logar para fazer o competente auto de corpo delicto. Apenas chegou, mandou recolher a força á praça para prevenir alguma surpresa; e fazendo vir um dos notaveis para dar principio a suas funcções judiciaes, ordenou que em quanto não chegava, alguns dos presentes arrancasse a azagaia, e se pozesse o cadaver no chão com a possivel decencia. O braço membrudo de um manjaco teve d'empregar todas as forças para arrancar o ferro do tronco da arvore, com tanta força tinha elle sido lançado! e não menos lhe custou a arrancar-o da garganta do infeliz que já estava jazendo em terra, e que foi necessario

que outros dois manjacos segurassem para se poder effectuar a extracção.

Em quanto se estava precedendo a ella, chegou o nosso conhecido Valerio. Com o caracter que tinha, não admira que soubesse esconder tambem sob as apparencias d'uma dôr profunda a extrema alegria que lhe trasbordava no coração, que todos tiveram pena do homem que acaba de perder um antigo amigo d'uma maneira tão desestrada.

O nosso grumete até chorou, ao ver o cadaver de Pimping jazendo por terra envolto no proprio sangue, e com uma larga ferida vertical na garganta, que não só lhe tinha cortado a arteria carotida, como até atravessado a espinha dorsal, pelo que foi a morte para assim dizer instantanea e muda; chorou, elle, que tinha mais vontade de rir-se porque ficavam pagas algumas quantias que devia a Pimping, e ainda auctorizado pela escripturação dos seus livros, feita a tempo como se viu, para haver de espolio do assassinado alguns mil pezos; via-se livre de Ondotó, que carregado com um crime não poderia tornar a Bissiu, e assim livre e desembaraçado para levar por diante um plano e desejos que lhe ferviam na alma.

Feito o auto de corpo de delicto com as possiveis formalidades por não haver facultativo na terra, lembrou Valerio que seria conveniente procurar nas algibeiras do defunto se não havia algum papel, que podesse dar alguma luz á justiça nas indagações a que havia forçosamente de recorrer para descobrir o autor de tão negro crime: a lembrança pareceu judiciousa, fez-se a investigação, e no bolso furtado da jaqueta appareceu uma carteirinha de feixo de prata, onde se viam alguns vales de agua-ardente, riscados, tabaco, polvora e chumbo, e a obrigação de Ondotó em que o mesmo Valerio estava assignado.

— Não ha duvida, disse este suspirando! Não ha duvida, foi o nosso Ondotó que fez esta morte. O pobre papel via-se condemnado a uma escravidão irremediavel porque lhe seria impossivel cumprir as condições a que se obrigara, e buscou na morte do seu inimigo o remedio a tão grande mal. Este Pimping não sabia ainda que não é bom pôr um selvagem entre a espada e a parede, como costumam dizer os brancos! aprendeu á sua custa. Nunca mais lhe acontecerá isso.

— Parece-me isso muito provavel, sr. Valerio, diz-lhe o governador; mas mesmo porque me parece muito provavel, tenho muito sentimento de dever prevenil-o da necessidade que tenho de receber o seu depoimento, que é muito interessante nesta conjunctura; assim, o sr. deve considerar-se prezo.

— Ainda eu o sinto mais que V. S.^a; mas estou prompto a dar á justiça d'elrei todas as informações que forem necessarias. Como a consciencia me não accusa de nada, nenhuma duvida tenho em considerar-me como preso. Mas parece-me que não será necessario que me recolha ao calabouço; nem mesmo me parece que seja caso disso. Eu não fujo, sr. governador, que não tenho motivos para isso.

— Nem era tambem da minha intenção prendel-o, eu só quiz prevenil-o para que não se auzentasse d'aqui em quanto se não concluísse a devassa que já amanhã vou começar a tirar.

E os dois separaram-se. O governador voltou para a praça para almoçar, e ir depois tomar conta do que ficasse do espolio para os defuntos e auzentes; e Valerio seguiu para sua casa; e os demais acompanharam o cadaver que se foi enterrar acto continuo.

(Continúa)

SOUSA MONTEIRO.